

# MÁQUINAS DE VER, MÁQUINAS DE MÁQUINAS...

Alexandro Sgobin<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto trata das possibilidades abertas pelo projeto Máquinas de Ver, que se dispõe a construir instrumentos que produzam imagens a partir da luz incidente. Que imagens se poderá haver, e que miradas essas imagens poderão permitir? Que afetos se põem em movimento ao construir as máquinas coletivamente? Qual a possibilidade de miradas e afetos criarem multiplicidades/rizomas? Estas as perguntas que servirão de norte a este exercício de escrita e reflexão.

**Palavras-chave:** Máquinas; imagens; multiplicidades.

O projeto Máquinas de Ver<sup>2</sup> é um acontecimento coletivo; construindo, *crianceamos*, sentindo o mesmo prazer infantil com as fantasmagorias, imagens-mundo que surgem [mágicas! inesperadas!] quando se apontava a máquina para um lume, uma paisagem iluminada pelo sol, uma janela aberta... mas não se trata *apenas* das imagens formadas pelos dispositivos construídos, já por si potentes (mas por quê?), e sim de múltiplas conexões, e diálogos entre autores e concepções de imagens. Aonde chegaremos? E haverá mesmo a *certeza* de algum porto de chegada? Não se pode saber, mas pode-se explorar, e é isso que faz o Máquinas de Ver, não se deseja, concordando com Etienne Samain (2012) quando cita Bateson, saber o *porquê* das coisas, mas o *como...* é o “como” do Máquinas de Ver que nos atrai, as imagens que se produzem a partir dos raios de luz que passam pelos orifícios dos dispositivos e suas múltiplas conexões – mas convém ir a passos pequenos; comecemos.

## Imagens pensantes

– São dois veleiros, meu Capitão... em pleno oceano!



Imagem 1

Toda e qualquer imagem pode disparar pensamentos; um sonho, um delírio, um espanto, uma curiosidade; da indiferença ao fruir estético mais saboroso, toda imagem, segundo Samain (idem: 22) “nos *faz pensar*. Será que podemos aprofundar esse dado no sentido não tanto de saber o ‘por que’ de ela nos permitir pensar, e sim o ‘como’ nos faz pensar? Etienne Samain nos convida a considerar que as imagens são *vivas*, que, de certa forma independem de quem as observa para que transvasem vida (s):

<sup>1</sup> Doutorando em Educação na FE- UNICAMP e professor de geografia. E-mail: [a\\_sgobin@hotmail.com](mailto:a_sgobin@hotmail.com).

<sup>2</sup> Trata-se de construir instrumentos óticos, como câmeras e câmaras escuras, entre outras “máquinas de ver”.

Ouso dizer que a imagem – toda imagem – “*é uma forma que pensa*”<sup>3</sup>. A proposição é tanto mais ambígua e complexa que chega a insinuar – até sugerir – que, independentemente de nós, as imagens seriam formas *que, entre si, se comunicam e dialogam* (SAMAIN, 2012, p. 23. Grifos do autor).

As imagens, associando-se a outras imagens, teriam poder de produzir ideais, *ideações*. Não se poderia caminhar, neste sentido, com Michel Foucault, que, em sua *Arqueologia do Saber*, duvida da unidade final de, seja, um livro, dado que este está “preso a um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede” (FOUCAULT, 2009, p. 26)? Ou convidar ao passeio Gilles Deleuze e Guattari, com o conceito de multiplicidade<sup>4</sup>?

E Bateson sugeriu uma comunhão entre seres, objetos e ambiente... façamos dialogar estes autores, e neste primeiro momento poderemos arriscar uma ideia: o Máquinas de Ver é uma comunhão, pois a imagem atualizada nos dispositivos que construímos não está “só”, nunca pôde estar só, mas antes está irmanada a variáveis que se estenderiam ao infinito, no espaço e tempo, conforme as buscássemos; do momento em que se principia a construir uma máquina de ver, até a mirada das imagens que os dispositivos captam, caminharemos entre as histórias pessoais de cada um de nós, os afetos e desafetos mutáveis (sob guarda da memória, portanto) e os emergentes (momento de *ver* a imagem que se forma no dispositivo), o ambiente (fora, dentro, sob o sol, venta, sinto cheiro da chuva, é quente. O áspero da terra que roça o sapato. Um pássaro. Risos. Gente que passa, gente que grassa. Um olhar. Ruído de motor. Brisa.), o dispositivo utilizado (máquina de ver montada com latas de batatas fritas, máquinas de ver *câmera obscura*...), as expectativas pessoais e coletivas... quantas viandas não seriam dignas de se mencionar!

[nota: as infinitas possibilidades de conexão com materialidades e imaterialidades elevam as imagens à enésima potência].

### Sobre arqueologias e imagens

– Pois eu lhe afirmo, meu senhor: há dez anos estou aqui, vendo o mundo apenas através deste orifício.

– E por que não saiu a deambular pela vasta Terra?!

– Senhor, teria saído com imenso prazer, é verdade, não fosse eu tão-somente um velho cachimbo esquecido.

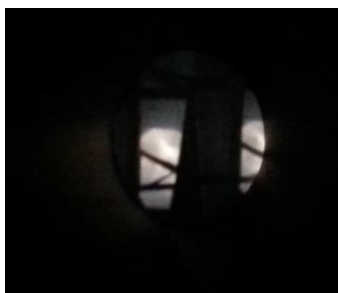


Imagem 2

O Máquinas de Ver não é uma arqueologia do cinema – Laurent Manonni já o fez, em seu belo *A grande Arte da Luz e da Sombra*. Tratar-se-ia, antes, de uma *atualização*, se acaso

<sup>3</sup> Na obra original, Etienne Samain atribui a citação a Jean-Luc Godard.

<sup>4</sup> CARDOSO JÚNIOR faz um interessante estudo sobre a gênese do conceito de multiplicidade. Ver Bibliografia ao final deste texto.

desejarmos descobrir o que *dizem* os dispositivos que construímos, o que é o mesmo que dizer, conforme Foucault, *o que dizemos sobre eles e sobre nós*: para Foucault, objetos e sujeitos não tem existência *a priori*, mas antes, são chamados a existir pelos discursos que se fizeram e se fazem sobre eles – são construções discursivas<sup>5</sup>. E reafirmamos: a questão do *como* é mais importante que a do *porquê*; e como construímos as máquinas de ver já é uma matéria extensa, que deve remeter a algumas técnicas e à *história* delas; formas de ver; discursos construídos e em construção e suas variáveis (enunciações); mas nos parece igualmente importante a noção de que, embora tenhamos falado em políticas e visões políticas, estas parecem atuar muito mais em um nível pessoal (quando atuam), pois o Máquinas de Ver não carrega nenhuma intenção de *resistência*, nem confronto, ou insubordinação, como, a uma primeira vista talvez se desse a parecer – afinal, num mundo intensamente imagético e filiado a alta definição (“HD”), seria uma *resistência* procurar por imagens distorcidas, fantasmáticas, criadas através de máquinas cuja gênese remontaria a séculos?

Até aqui temos nos esforçado por falar de uma vianda em que a imagem gerada numa máquina de ver não deve, para ser fruída, comentada, estudada, saboreada, esquecida... estar “separada” de toda a ação que precede e acompanha sua criação, que não é, repetamos, o “momento culminante”, mas entendemos essa criação [imagem que surge] tanto mais potente quanto forem as ações que dela fazem parte (e essas ações remetem a materialidades e imaterialidades que remetem a... [∞]. E frise-se, tratamos de máquinas, não máquinas de guerra, mas máquinas para construção:

encontro → cartolina → vídeos → discussão → risos → eu creio → dia quente → Sol → braços → olhos → imagens → espanto → braços olhos fotografia.....sequência linear que em absoluto não o é, saiba-se, apenas certa pobreza da escrita formalizada nos obriga a isso. Não queremos com tudo isso situar as imagens acima ou abaixo de algo, longe de nós tal pretensão, mas oferecer uma possibilidade de estudos especificamente para o Máquinas de Ver, uma manufatura cujo fim não é a criação de imagens, mas que se interessa pelo próprio processo como um todo, estando enamorada desse processo, as imagens que ele permite ver/capturar.

Mas acabamos de dizer sobre capturas: é porque as imagens criadas no Máquinas de Ver podem ser fugidias (apenas as vejo enquanto meu olho [máquina] está acoplado ao aparelho óptico [máquina]), ou podem ser capturas por uma câmera fotográfica digital (como as imagens alocadas neste texto), ou filmadas. No primeiro caso temos uma atualização, no segundo, *armazenamentos* atualizáveis.

As imagens fugidias naturalmente estão, com muito mais intensidade, irmanadas com as exterioridades, se fazendo mais aceitável a ideia “totalizante” à qual nos referimos neste escrito; no segundo caso (fotografias das imagens captadas nos aparelhos ópticos) o campo que se abre é muito menos dependente dos acontecimentos do ato da captura, pois posso imprimir a fotografia, compartilhá-la, modificá-la, rasurá-la... ambas podem disparar o pensamento, ambas são eventos, e ambas tem potência; mas as imagens fugidias poderiam ser compreendidas ou apreciadas sem que se tenha em mente toda a máquina montada?

*Ruído incessante de máquinas...*

## Referências

CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. A origem do conceito de multiplicidade segundo Gilles Deleuze. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, n. 19, p. 151-161, 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v19/v19a10.pdf>>. Acesso em: 14/05/2015.

<sup>5</sup> O que não pressupõe, segundo Foucault, uma “linearidade”, um suave “caminhar alfabetizante”, do balbucio ao discurso pronto. Há rupturas, desvios, quebras, tempestades...

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. *O Anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologias do Saber*. São Paulo: Forense Universitária, 2009.

SAMAIN, Etienne (Org.). *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.